



# 13<sup>a</sup> REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E  
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2153 - Pôster - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)  
GT 10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

## LETRAMENTO ACADÊMICO: ESTRATÉGIAS ADOTADAS POR ESTUDANTES ESTRANGEIROS NO ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO

Paula Aparecida Diniz Gomides Castro Santos - UFSJ - Universidade Federal de São João Del Rei  
Agência e/ou Instituição Financiadora: Fundação Universidade Federal de São João del Rei UFSJ

A “internacionalização” do ensino superior já é uma realidade em diversas universidades brasileiras. A defesa da internacionalização parte do pressuposto de que no contexto da globalização, é necessário que se desenvolvam trocas de saberes em um estágio mais amplo e, por meio de convênios internacionais, transpor barreiras para que os conhecimentos sejam ampliados. Optamos por abordar, por meio de um recorte da pesquisa em andamento no mestrado em educação, dados acerca das estratégias utilizadas por estudantes estrangeiros, inseridos no Brasil, no âmbito dos cursos de graduação da Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ. Buscamos, através de entrevistas, evidenciar quais estratégias de Letramento Acadêmico são desenvolvidas para um processo de aprendizagem de qualidade e uma interação mais eficaz com o ambiente acadêmico. A análise dos dados foi realizada considerando a concepção elaborada através dos Novos Estudos do Letramento-NEL que evidenciam o Letramento Acadêmico como uma prática social, além dos conceitos de campo e estratégias desenvolvidos por Bourdieu. Dentre os dados encontrados compreende-se que diversas estratégias de estudo são utilizadas, como a leitura de materiais em língua portuguesa e o auxílio de colegas brasileiros na apropriação dos conhecimentos.

## LETRAMENTO ACADÊMICO: ESTRATÉGIAS ADOTADAS POR ESTUDANTES ESTRANGEIROS NO ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO

### Resumo

A “internacionalização” do ensino superior já é uma realidade em diversas universidades brasileiras. A defesa da internacionalização parte do pressuposto de que no contexto da globalização, é necessário que se desenvolvam trocas de saberes em um estágio mais amplo e, por meio de convênios internacionais, transpor barreiras para que os conhecimentos sejam ampliados. Optamos por abordar, por meio de um recorte da pesquisa em andamento no mestrado em educação, dados acerca das estratégias utilizadas por estudantes estrangeiros, inseridos no Brasil, no âmbito dos cursos de graduação da Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ. Buscamos, através de entrevistas, evidenciar quais estratégias de Letramento Acadêmico são desenvolvidas para um processo de aprendizagem de qualidade e uma interação mais eficaz com o ambiente acadêmico. A análise dos dados foi realizada considerando a concepção elaborada através dos Novos Estudos do Letramento-NEL que evidenciam o Letramento Acadêmico como uma prática social, além dos conceitos de campo e estratégias desenvolvidos por Bourdieu. Dentre os dados encontrados compreende-se que diversas estratégias de estudo são utilizadas, como a leitura de materiais em língua portuguesa e o auxílio de colegas brasileiros na apropriação dos conhecimentos.

**Palavras-chave:** Letramento Acadêmico. Estrangeiros. Internacionalização. Estratégias.

### O Letramento Acadêmico como uma perspectiva de análise

O Letramento Acadêmico pode ser compreendido, através dos Novos Estudos do Letramento (NEL) como as práticas que envolvem a leitura e a escrita construídas no ambiente acadêmico. Para tanto, o conceito firma-se como uma prática social múltipla fortemente marcada pelas relações de poder que estão presentes neste campo (Street, 1984, 2003; Barton, 2007). Assim, o conceito questiona as noções dominantes de consideração da escrita como técnica puramente

neutra e universal.

Um estudo realizado por Lea e Street (1998) identificou e questionou os modelos encontrados por meio de pesquisas no ambiente acadêmico, nomeados pelos autores de Modelo de Habilidades e Modelo de Socialização Acadêmica. No Modelo de Habilidades, as questões que envolvem a escrita são vistas como sendo de assimilação individual e puramente técnicas. Considera-se que por meio da escolarização básica, tais habilidades são facilmente transferidas aos alunos e passíveis de utilização em qualquer contexto. No Modelo de Socialização, de forma diferente, considera que as competências necessárias ao domínio dos gêneros acadêmicos podem ser apropriados através de uma aculturação que deve ser feita pelo professor. Assim, o aluno passa a compreender, de forma homogênea, a “cultura” presente na academia.

Em face destes conceitos, o Modelo dos Letramentos Acadêmicos surge como uma alternativa. Apesar de não negar os conceitos expressos por esses dois últimos, o Modelo de Letramentos Acadêmicos vai além. Considera os diferentes usos da leitura e da escrita em diferentes contextos sociais, a relação que se dá entre o letramento, a identidade dos sujeitos que o desenvolvem, a produção de sentidos existentes, com vistas a compreender a perspectiva dos sujeitos, além das relações de poder que derivam da interação humana. Para Fiad “boa parte das pesquisas sobre letramento acadêmico surge a partir da observação das escritas de estudantes oriundos de diferentes classes sociais e etnias” (FIAD, 2011, p. 362).

### **As noções de campo e estratégias**

Para Bourdieu, o que define um campo social é a sua estrutura simbólica que rege o conjunto de estruturas e características daqueles que o integram. O campo de análise aqui é o campo acadêmico, estrutura da qual os estudantes estrangeiros fazem parte. “O mundo universitário, como todos os universos sociais, é o lugar de luta pela verdade sobre o mundo universitário e sobre o universo social em geral” (BOURDIEU, 1990, p. 116). Desta forma, uma vez inseridos neste campo, os agentes precisam construir estratégias, desde a sua entrada até sua ascensão no campo, por meio da obtenção dos troféus do campo que irão lhe outorgar o reconhecimento e a legitimidade no espaço social em que se encontram.

O poder está diretamente ligado à legitimidade no campo. Aquele que exerce o poder devidamente autorizado para exercê-lo, naturalmente exercerá devida sua posição social. Uma vez naturalizadas as regras que compõem um campo, tais regras serão seguidas mesmo que inconscientemente a fim de se adquirir a devida legitimidade que o campo pode oferecer a determinado agente.

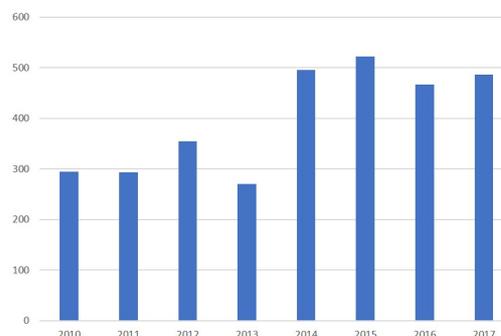
Neste sentido, torna-se importante investigar, conforme as concepções de Bourdieu, quais estratégias estes alunos utilizam para se manterem e adquirirem legitimidade no campo acadêmico brasileiro e como o campo os considera enquanto detentores das potências para agir.

### **Estudantes Estrangeiros, perfil e estratégias**

Através de uma série de entrevistas realizadas com os estudantes da UFSJ foi possível a identificação do perfil destes discentes e a compreensão das estratégias por eles utilizadas para a obtenção de melhores resultados. As entrevistas ocorreram entre os meses de outubro a dezembro de 2017. Neste período, a instituição contava com 28 estudantes matriculados, considerando os diferentes convênios e tipos de vínculo, já que alguns eram intercambistas e outros estão no Brasil para a realização de todo o curso. Ao todo, 14 estudantes foram entrevistados

Dentre os estudantes matriculados neste período, cerca de 12 (43% do total) estavam vinculados ao programa PEC-G que “oferece oportunidades de formação superior a cidadãos de países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém acordos educacionais e culturais” (MEC, 2018). Demonstrando a forte presença deste programa nas instituições de ensino do Brasil. Pode-se verificar, por meio do gráfico abaixo como o referido programa insere, a cada ano, mais estrangeiros no contexto brasileiro, oportunizando o acesso a cursos de nível superior:

Gráfico 01: quantidade de estudantes inseridos no ensino superior brasileiro por meio do PEC-G desde o ano de 2010

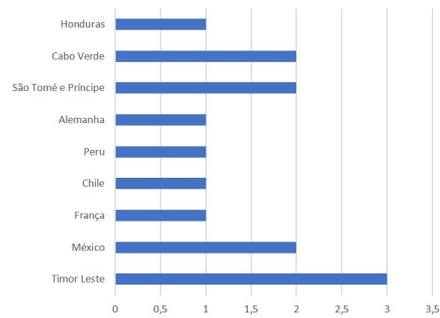


Fonte: Ministério da Educação

Dentre a população estudada, 21 (75%) são do gênero feminino e 7 (25%) são do gênero masculino. Os cursos mais escolhidos são os das áreas da engenharia e da saúde como medicina, psicologia e bioquímica. As nacionalidades dos estudantes pesquisados são apresentadas no gráfico abaixo, demonstrando forte presença de alunos de países lusófonos, em decorrência das próprias regras dos programas para a seleção de estudantes. No caso do PEC-G, por

exemplo, o estudante deve ser proveniente de países da África ou América Latina e comprovar proficiência em Língua Portuguesa. A região e o número de vagas, em que o curso será realizado, ficará condicionada à oferta de vagas das IES participantes (MEC, 2018). Em pesquisa realizada, Ojima et al (2014) demonstraram como os programas acabam por condicionar os alunos a determinados cursos e regiões do país, ou mesmo, determinam as nacionalidades aceitas.

Gráfico 02: nacionalidades dos alunos entrevistados no período entre outubro e dezembro de 2017



Fonte: dados da pesquisa

Não obstante a maioria dos estudantes serem provenientes de países lusófonos, a língua tem sido uma unanimidade nos relatos sobre os desafios de estudar no Brasil. Apesar de os estudantes de países como o Timor-Leste, Cabo Verde ou São Tomé e Príncipe terem o Português como idioma oficial, é preciso considerar que tais países, por meio de sua cultura e sua história têm outras línguas maternas. Como exemplos mais expressivos o Timor-Leste, tem como língua materna o Tétum e para alguns países africanos, o Crioulo, mais falados que o Português.

Em favor de um aumento na fluência do português, os estudantes assumiram fazerem uso das monitorias oferecidas pela universidade e o esforço, de alguma forma, no aumento do contato com o idioma, como a utilização de aplicativos de tradução, como afirma um estudante:

“Eu tenho as aulas aqui, também eu praticar vocabulário, uma hora por dia, com app, e talvez faço gramática, as vezes, não todos os dias e falar com as pessoas em português, não em inglês, como a maioria, a minha monitora fala em inglês” (Laura, estudante da Alemanha).

Porém, em alguns casos, acordos prévios, mediante a identificação da impossibilidade de se argumentar bem em português, são realizados entre professores e alunos, permitindo que atividades sejam entregues no idioma falado pelo aluno:

“Ele [o professor] falou você pode escrever espanhol e eu traduzo” (Letícia, estudante do México).

Outros estudantes relataram a gravação em áudio das aulas e posterior oitiva até que o conteúdo esteja claro:

“Eu gravo a aula, aí quando eu chego em casa eu dou uma lida e estudo” (Joaquim, estudante de Cabo Verde).

Outros anotam, fazem resumos dos conteúdos estudados e trocam com colegas brasileiros para que esses possam dar sua contribuição. A interação com brasileiros se mostrou uma importante fonte de aprendizado:

“Eu faço resumo, a minha amiga sempre faz resumo pra mim. Tem alguns dias que ela faz pra mim ou eu peço pra ela que faça”. (Vivian, estudante do Timor-Leste).

Estratégias que levam em consideração a impressão de materiais indicados pelos professores para a realização de marcações e anotações que acharem importantes para, posteriormente a produção de resumos, também foi um ponto recorrente.

A insegurança das primeiras semanas em solo brasileiro acaba por ceder lugar ao interesse pela troca de experiências e cultura. Através do programa do governo federal Idiomas sem Fronteiras, são oferecidas aos alunos aulas de português e cultura brasileira. “O objetivo do programa é promover ações em prol de uma política linguística para a internacionalização do Ensino Superior Brasileiro, valorizando a formação especializada de professores de línguas estrangeiras” (MEC, 2018). A medida se mostra eficaz para que a linguagem, as atividades nas disciplinas, e também um pouco do entendimento sobre as identidades no Brasil sejam abordados. Outra queixa recorrente foi ter de lidar com gêneros que não conheciam:

É notável a necessidade de se intensificar as ações para uma melhor mediação do conhecimento oferecido aos estudantes estrangeiros para que uma real interação e apropriação dos conhecimentos pelos alunos ocorra. Oportunizar, por meio de diferentes programas, a presença de estrangeiros nas nossas universidades, faz com que sujeitos de países como o Timor-Leste, por exemplo, que ainda se encontram em processo de reestruturação, possam retornar ao país de origem para contribuir com o crescimento deste. Mas, tornar o ensino mais contextual e a transição entre o idioma de origem e a língua portuguesa, ainda se mostram um desafio a ser superado.

## Referências

BARTON, D. Literacy: an introduction to the ecology of written language. 2nd ed. Oxford: Blackwell, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BRASIL. Ministério da Educação. PEC-G. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pec-g>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. *Idiomas sem Fronteiras*: MEC, 2018. Disponível em: <<http://isf.mec.gov.br>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

FIAD, Raquel Salek. A Escrita na Universidade. *Revista da ABRALIN*, v. Eletrônico, n. Especial, p. 357-369. 2ª parte 2011.

LEA, M.; STREET, B. Student writing in higher education: an academic literacies approach. *Studies in Higher Education*, Dorchester on Thames, v. 23, n. 2, p. 157-172, 1998.

OJIMA, Ricardo; AGUIRRE, Moisés Alberto Calle; SILVA, Bruno Lopes da; LIMA, William de Mendonça. Migrações internacionais motivadas por estudo: uma análise sociodemográfica dos estudantes estrangeiros radicados no Brasil. *Revista PerCursos*. Florianópolis, v. 15, n.28, p. 166 – 189. 2014.

STREET, B. *Literacy in Theory and Practice*. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1984.